



GEOGRAFIA E MUSEUS: proposta de diálogos

Fabrcia de Oliveira Santos
fabriciase@gmail.com

Doutora em Geografia. Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFSE) - Campus Prof. Alberto Carvalho. Endereço: Av. Vereador Olímpio Grande s/n. Bairro Porto. CEP 49510-200. Itabaiana/SE

RESUMO

O texto discute uma proposta de diálogos entre Geografia e Museus. Os diálogos são mediados através da execução de uma disciplina acadêmica no Curso de Licenciatura em Geografia. As interlocuções visam estimular a inclusão de conteúdos relativos aos museus como possibilidades de estudo sobre a produção do espaço geográfico, e de recurso pedagógico no ensino de Geografia.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia, Museus, Ensino.

GEOGRAPHY AND MUSEUMS: proposal for dialogues

ABSTRACT

The article discusses a proposal for dialogues between Geography and Museums. The dialogues are mediated through of execution of an academic discipline in the degree course in Geography. The interlocutions intended the inclusion of contents related to museums to study possibilities for the production of geographical space, and pedagogical resource in the teaching of Geography.

KEYWORDS

Geography, Museums, Teaching.

Introdução

Sobre museus, algumas impressões iniciais: eles falam, silenciam, calam. Provocam, sufocam, libertam, educam. Podem, com seus recursos expositivos, ir além do entendimento sobre um tema, ou não atingi-lo. Ainda nestes espaços-lugares, certezas podem misturar-se às incertezas, à abstração, à incompreensão, à representação. Todavia, são soberbos de tempo, de espaço, de vida, de ideologias, de ruídos, de texturas, de formas, às vezes de uma estética estranha, ou de uma história que não entranha. Fascinam?

Este ente, o museu, em sua configuração moderna está no espaço geográfico, é uma referência regular nas paisagens, sobretudo urbanas, desde o século XIX (POULOT, 2013)¹. Contêm tempos e espaços em sua arquitetura e no seu acervo, na sua fundação, permanência e/ou desaparecimento. Então, por que não dialogar entre Geografia e museus como parte da produção social do espaço, como recurso para o ensino de Geografia, e para a formação de professores pesquisadores de Geografia? Se os museus abrigam espaços e tempos, concorda-se com Santos (2012, p. 135), no sentido que essas instituições podem permitir ao acesso “de como o tempo se torna espaço e de como o tempo passado e o tempo presente têm, cada qual, um papel específico no funcionamento do espaço atual”.

A mediação para os diálogos pode partir, sobretudo, de visitas a museus, mas, não apenas esta via. Os diálogos também podem ser mediados, rastreados, através da

¹ Entre esses fatores o autor observa: “a construção dos grandes museus é, em geral, o pretexto para uma nova urbanização do centro da cidade” (POULOT, 2013, p. 66)

revisão da literatura sobre museus e seus temas correlatos: ensino, preservação, patrimônio cultural, sociedade, espaço, natureza, economia, nação, Estado etc. Além das visitas, e da revisão da literatura, uma outra via de diálogo: o reconhecimento patrimonial. Ação que pode ocorrer no desvelar de referências patrimoniais que envolvem a utilização do conteúdo apreendido na prática profissional e social – um reconhecimento sobre o que é importante socialmente, do que deve ser preservado.

Sobre a primeira via de diálogo – as visitas, o ato de ir ao museu são, de algumas décadas para cá, atividades corriqueiras entre ações pedagógicas nas unidades de ensino brasileiras, ainda não é um hábito espontâneo entre a população em geral. Apesar dessa possível lacuna, estatísticas de público de museus no Brasil figuram desde o início do século XIX (PEREIRA; KÖPTCKE, 2008)².

Na segunda via de diálogo, a revisão da literatura da produção textual e de ações teóricas sobre museus e ensino, os primeiros debates localizam-se, inicialmente, no Brasil no *Seminário Regional, Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas* (UNESCO), realizado no Rio de Janeiro em 1958 (FARIA, 2014). Evento que envolveu, simultaneamente, a produção de livros e demais documentos relativos à temática. Atividade em consonância com propostas internacionais mediadas pelo *Conselho Internacional de Museus* (ICOM)³. Atualmente, o tema é recorrente em grande parte das instituições museológicas brasileiras que incluem ações educativas em seus planos diretores.

No tocante ao reconhecimento patrimonial, a união das práticas geográficas⁴ (ESCOLAR, 1996), como terceira possibilidade, pode estimular diálogos entre museus e ensino de Geografia, ainda rarefeitos, todavia necessários. Uma vez que os museus, devido a sua função de preservar, ensinar, transmitir conhecimento (POULOT, 2013), apresentam possibilidades para uma educação geográfica (LOPES, 2016, p. 33), ao comportarem tanto em seu processo formativo (origem, razões de criação, acervos) quanto funcional, temas para diálogos entre tempos e em diferentes escalas geográficas sobre a produção do espaço: o museu no espaço geográfico, e o espaço geográfico nos museus. Logo, ao concordar com Callai (1999, p. 18), ao considerar que: “a atitude do profissional do geógrafo e a sua atuação exigem uma formação específica e continuada, que lhe permita um conhecimento significativo e a compreensão da sua função social”,

² Como exemplo local, o Museu da Gente Sergipana – Governador Marcelo Déda, o seu relatório de atividades de 2011/2012 registrou 86.154 entre dezembro de 2011 (sua inauguração) a novembro de 2012 (DÉDA, 2013).

³ Fundado em 1946.

⁴ Escolar (1996, p. 14) considera as seguintes práticas: acadêmica, “ensinada”; profissional; cotidiana.

possibilita-se, inferir sobre a importância de abertura desses diálogos na formação do profissional da Geografia.

Estimular a produção do conhecimento entre Geografia e museus pode desvelar alguns discursos, como um debate geopolítico na formação dessas instituições, desde a arquitetura do prédio à constituição de suas coleções, às exposições e demais funções correlatas⁵. Como também outras dinâmicas envolvidas: os museus como instituições de poder presente nas políticas expansionistas estatais sob o capitalismo (ANDERSON, 2008).

Considera-se como ponto de partida para os diálogos, o pressuposto dos museus e instituições congêneres como lugares de discursos geográficos⁶, desde sua consolidação no século XIX (POULOT, 2013) à contemporaneidade.

A proposta desses diálogos emergiu a partir de atividades em Grupo de Pesquisa⁷; como também em aulas na graduação⁸ que ampliaram e convergiram ideias. Nas aulas de *História do Pensamento Geográfico*, em curso de Licenciatura em Geografia, ao analisar os contextos histórico e geográfico de sistematização e de institucionalização da ciência geográfica nos séculos XIX e XX (CAPEL, 2010; MORAES, 1987; MOREIRA, 2012), constata-se os museus como parte das investidas de espacialização do capitalismo em consonância direta ou indireta com algumas ações mundializadas no período, tais como: a proliferação de mercadorias, as exposições universais, os monumentos, o urbanismo, as expedições dos naturalistas, as sociedades geográficas (MARX, 2013; HOBBSAWM, 2009; PRATT, 1999; PESAVENTO, 1997; CHOAY, 2001; CAPEL, 2010; BORGES, 2011; LEFEBVRE, 1973).

Inserir diálogos não visa reforçar, peremptoriamente, um possível conteúdo colonialista e imperialista, ou pós-colonialista dos museus, mas, um ponto de pauta de discussão das ciências humanas e sociais sobre o papel da formação de instituições museológicas e similares, e de seus respectivos acervos na legitimação de discursos de poder (RODRIGUES; SMITH, 2016; ANDERSON, 2008). Os museus instalados durante o século XIX consolidaram-se ao longo dos séculos XX, XXI como parte de políticas locais,

⁵ Muitas exposições tornaram-se instituições (POULOT, 2013).

⁶ Moraes (1991), em *Ideologias Geográficas* nos alerta sobre os vários suportes de ocorrência e de formação do pensamento geográfico.

⁷ Que o incluiu na elaboração de tese de doutorado e de artigo que contemplam a temática [omitido para avaliação]. Grupo de Pesquisa [omitido para avaliação].

Aulas nos cursos de Graduação em [omitido para avaliação] entre 2010 e 2013; nas disciplinas, por exemplo de *Arqueologia I*, e *Filosofia e Ética em Arqueologia*⁸, ao tratar sobre a formação das coleções de arqueologia, as ações de pilhagens e os atuais processos de repatriação (TRIGGER, 2004; EMBERLING, 2008; PATERSON, 2009) e suas implicações geopolíticas. E na Graduação de Geografia [omitido para avaliação], disciplinas ministradas entre 2013 e 2016.

nacionais e internacionais de preservação (ou destruição) do patrimônio cultural (CHOAY, 2001; CURY, 2000), com rebatimentos na produção do espaço geográfico.

Fios iniciais para cerzir diálogos...

Das reflexões obtidas preliminarmente nos/dos diálogos propostos dois encaminhamentos teórico-práticos: a discussão sobre a utilização didático-pedagógica dos museus para o ensino de Geografia entre licenciandos, a identificação de temas nas correlações entre a produção do espaço geográfico nas diferentes escalas geográficas, a formação das instituições museológicas e ações semelhantes, como o advento das *Exposições Universais* no século XIX, como parte da mundialização relacionada ao capitalismo (PESAVENTO, 1997; SANTOS; CONCEIÇÃO, 2011; BARBUY, 1996).

Acerca dos pormenores epistemológicos sobre museologia e museografia, não se almeja aprofundar debates, apenas compreender questões essenciais, como o processo envolvido na conceituação e função dos museus (POULOT, 2013), refletir os museus como parte da formação territorial ocidental, portadores de ações ocidentais sobre outras localidades do globo (ANDERSON, 2008), as mudanças contemporâneas de abordagem social nessas/dessas instituições e, sobretudo, das ações e contradições de reconhecimento patrimonial que preconizam (VARINE, 2012).

Para a Geografia em sua dimensão humana⁹, o diálogo com os museus pode oferecer vias de compreensão da formação territorial dos lugares em diversas escalas – a presença ou ausência de determinado objeto em um museu pode dizer muito sobre um temário geográfico (MORAES, 1997), uma questão geográfica. Sua ocorrência ou ocultamento podem desvelar sobre dados de mobilidade populacional, debates étnicos, práticas econômicas, formas de sociabilidades, e, sobretudo, as dinâmicas de poder estatal como parte das “comunidades imaginadas” sob o capitalismo (ANDERSON, 2008), de como este sistema se apropria de diversos recursos para garantir sua hegemonia: os objetos em si, as construções, as edificações dos museus, as suas exposições.

A partir dessas ideias, foi proposto incluir um conteúdo sobre museus na formação de professores de Geografia, para a possibilidade de abertura de interlocuções interdisciplinares e transversalidades que os museus e instituições semelhantes

⁹ Não acentuando a “separação” entre as áreas humana e física da Geografia.

possibilitam, por serem capazes de captar e preservar (ou ocultar, destruir) a dinâmica espaço tempo das sociedades em todas as partes do globo.

Para a realização da Disciplina¹⁰, desenvolvida no interior do curso de licenciatura em Geografia, do [omitido para avaliação], o primeiro desafio foi o de selecionar e relacionar um conteúdo sobre museus e noções de museologia¹¹ a serem tratados em sala, e quais seriam os possíveis diálogos a serem agregados à formação profissional dos discentes.

A primeira ação foi delinear um conteúdo acerca do conceito e da função dos museus em diversas escalas e temporalidades, e, simultaneamente, um entendimento preliminar sobre projetos museológicos e museográficos das instituições a serem visitadas/estudadas¹². Em segundo, as concepções teóricas relacionadas aos museus, as interfaces entre patrimônio cultural e museologia, na perspectiva de somar positivamente aos objetivos do *Projeto Pedagógico do Curso* e as legislações pertinentes em voga¹³.

A ideia de desafio, no caso da Geografia, reside, sobretudo, na parca ocorrência de referências bibliográficas que analisem diretamente a relação entre museus e/a um conteúdo geográfico. Há uma grande produção que explora principalmente a relação entre museus e história, antropologia; arqueologia; museus e ciências (ABREU; CHAGAS; SANTOS, 2007; LOPES; 2009)¹⁴. Todavia, 'museus e Geografia' é lacunar. A própria ocorrência de museus brasileiros que possuem em seu nome institucional as palavras 'geográfico' ou 'de Geografia' é rarefeita (INSTITUTO, 2011). Verifica-se mais a ocorrência de áreas afins, como geológico, ou de geologia, de astronomia, cartográfico, sobre biomas específicos, como o Cerrado¹⁵, entre outros. Porém, parece que esse eminente 'vazio'¹⁶ começa a ser vencido, como se observou no *site* da Secretaria Estadual de Educação do Governo do Estado de São Paulo, ao publicar a seguinte

¹⁰ Recebe o nome de Tópicos Especiais em Geografia I.

¹¹ Discutidas e ampliadas desde 2007 quando ministrei disciplinas no curso de Museologia.

¹² A princípio analisa-se instituições que são consideradas referenciais da formação dos museus nas diversas localizações, tanto internacionais quanto locais. Como laboratório de atividades voltadas para o ensino, nas duas edições da Disciplina foram visitadas as seguintes instituições: Museu de Itabaiana e Museu da Gente Sergipana

¹³ Como exemplos, as legislações relativas à inclusão de temas na educação básica brasileira, como a efetivação de leis, como as Leis 10.639/2003 e a 11.645/2008.

¹⁴ Apesar de em 1838, ser fundada uma instituição que tinha entre seus objetivos fundar também um museu, e agregou ao seu nome a Geografia: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Ver: Pereira (2008).

¹⁵ Ver: Museu do Cerrado, em Goiânia.GO.

¹⁶ Seria vazio apenas do ponto de vista conceitual. Mas um entendimento do conceito de Geografia como ciência que estuda a produção social do espaço geográfico, logo, independente do rótulo da instituição, as questões geográficas podem ser encontradas nos museus.

matéria: *Nestas férias, tenha uma aula de Geografia e história no Museu da Arte Moderna*. (SÃO PAULO, 2016)

A partir dessas 'lacunas', e, ao mesmo tempo, do farto campo de possibilidades, e, por considerar a importância de questões pertinentes à discussão sobre a relação entre museus e conteúdo geográfico, a Disciplina fundamentada em um debate museológico que considera a museologia e seu objeto, o museu, em seu sentido social (POMIAN, 2013). Compreender como os museus podem contribuir para reduzir desigualdades sociais e seus prejuízos inerentes. Uma proposta fundamentada na *práxis*, como possibilidade de inserção de conteúdo museológico na formação pedagógica de licenciandos de Geografia do [omitido para avaliação] ao considerar que:

[...] o movimento em prol da constituição dos saberes da docência é seguramente, uma tentativa importante na luta política de recuperar a qualidade e o conteúdo do ofício do professor, esvaziado ou desqualificado pela introdução da racionalidade técnica no campo educativo e pelo controle burocrático por parte dos poderes estatais (LOPES, 2016, p. 31).

A delimitação dos diálogos para a execução da Disciplina ocorreu a partir do desenvolvimento de um *Plano de Curso*, submetido à aprovação do/no *Colegiado de Curso*. A proposta foi/é executada¹⁷ no curso supracitado, a fim de fomentar possibilidades de produção de conhecimento entre esses dois campos: Museus e Geografia. Não se trata de aprofundar o debate teórico da ciência museológica, mas de uma leitura sobre museus e instituições afins e os possíveis pontos de contato para fomentar a discussão desses espaços como locais constantes de representações humanas e físicas¹⁸ do/no espaço geográfico em diferentes escalas (local, nacional, internacional) que estão presentes nas diversas instituições situadas em diversas partes do mundo. Na perspectiva de que, às vezes, um único museu, uma exposição, ou um objeto possibilitam dialogar em diferentes espacialidades e temporalidades. Como afirma MacGregor na *História do Mundo em 100 objetos*, onde analisa, através de 100 objetos das coleções do *Museu Britânico*, a possibilidade de ler nos diversos tipos de objetos: "mensagens sobre lugares e populações, ambientes e interações". (MacGREGOR, 2013, p. 15).

Os diálogos decorrem, portanto, de discussões teórico-práticas e execução do Plano de Curso da Disciplina "Tópicos Especiais em Ensino de Geografia I", ministrada

¹⁷ Sob a nomenclatura de Tópico Especiais em Geografia I.

¹⁸ Não se trata aqui de reafirmar dicotomia entre os campos, mas apenas de informar a dimensão do temário geográfico.

inicialmente no primeiro semestre de 2014¹⁹. E teve/tem como aporte teórico a abordagem dos conceitos de Museu: uma instituição, ou lugares institucionalizados abertos ao público com funções de preservar, estudar, pesquisar, educar, transmitir sobre testemunhos materiais, imateriais do ser humano e de seu ambiente (POULOT, 2013); e de Geografia (Ensino de Geografia), na perspectiva refletida por Cavalcanti (2013, p. 24):

[...] o ensino de Geografia deve visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista de sua espacialidade. [...] Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes [...] demanda a apropriação pelos alunos, de um conjunto de instrumentos conceituais de interpretação e de questionamento da realidade socioespacial.

Uma compreensão da Geografia como o estudo das relações humanas, sociais sobre o espaço geográfico mediadas através da categoria trabalho: “são as práticas sociais que qualificam o espaço a cada momento” (MORAES, 2008), e também são estas mesmas práticas que elegem o que é, ou não, musealizado.

Reforça-se o pressuposto para os diálogos: o argumento que os museus contêm um horizonte geográfico: imagens e valores que as sociedades produzem sobre os lugares (MORAES, 2008). Desvelar esse processo pode contribuir para acessar questões ideológicas. Logo, ao compreender os museus e suas atividades – as exposições, sobretudo -, também como práticas sociais, passíveis de estudo pela Geografia, podem ampliar meios para a produção de uma “certa consciência espacial” (MORAES, 2008; LOPES, 2016, p. 33).

A abordagem na/da Disciplina foi/é orientada sob o escopo de analisar os museus como produto da formação territorial dos Estados (ANDERSON, 2008; POULOT, 2011), como estão/estiveram a serviço deste, mas, também, podem conter possibilidades pedagógicas libertárias como analisa Ferreti (2012), sobre a iniciativa do cartógrafo Charles Perron (1837-1909) e pelo geógrafo anarquista Élisée Reclus (1830-1905) com a fundação, ainda que temporária, do *Museu Cartográfico em Genebra* (1907-1922), destinado à educação popular e à instrução pública²⁰. Discutir também os museus como parte das paisagens e detentores de parte delas, sejam do passado, do presente e do futuro²¹.

¹⁹ No fechamento deste texto, a disciplina está na sua terceira edição.

²⁰ Diferente da proposta do *Pedagogium* criado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, em 1890 (BASTOS, 2000).

²¹ Como um dos museus mais recentes no cenário museológico brasileiro: o Museu do Amanhã, na cidade do Rio de Janeiro, inaugurado este ano.

Geografia e Museus – digressões iniciais – as aulas

A elaboração e desenvolvimento da Disciplina partiu de um duplo entendimento da possível relação entre Geografia e Museus. Iniciar diálogos entre uma Geografia dos/nos museus. Aqui, delinea-se inicialmente a dupla proposta incluída em três unidades (três escalas e suas respectivas temporalidades – mundo, nacional, local) de conteúdo da Disciplina: *uma Geografia dos museus* – suas nomenclaturas, as ações iniciadas na Grécia Antiga, seus desdobramentos para outras partes do globo –, também uma história dos museus; os projetos de Estado; *uma Geografia nos museus* - o porquê da Grécia, e de outras áreas, o porquê da ideia de reunir objetos e colocá-los em exposição, as razões, as representações espaciais que os objetos e as mostras trazem/comportam?

Partir dessa metodologia, de ler onde e quando os museus estavam/estão, e o que representam do espaço geográfico em uma dimensão multiescalar e multitemporal, a Disciplina foi/é embasada por uma sequência de leituras, de aulas dialogadas, e respectivas atividades avaliativas: “prova dissertativa; seminários temáticos; proposta de atividade relacionada ao ensino de Geografia decorrente de visita(s) a lugares que contemplem conteúdos explorados - estudo de acervo(s); roteiro para aula(s)” (SANTOS, 2014).

As Unidades de execução do plano da Disciplina contemplaram a ementa: “Origem dos museus no mundo. Conceito de museu. Conteúdo geográfico em museus. Museus e ensino de Geografia”, para a qual foram elaborados os seguintes objetivos:

Geral: Estudar a origem dos museus e ações relacionadas à formação de acervos e de instituições como conteúdo a ser explorado no ensino de Geografia.

Específicos:

- Situar aspectos sobre a origem e conceitos associados aos museus;
- Analisar singularidades sobre a formação de museus no Brasil e em Sergipe;
- Relacionar museus e ensino de Geografia. (SANTOS, 2014).

E para explorar cada objetivo, uma unidade respectiva com conteúdos e atividades:

Unidade I – Sobre a necessidade de produzir museus – aspectos: origem, conceitos, contextos, acervos, exposições, conteúdo geográfico e ensino de Geografia;

Unidade II – Museus brasileiros e sergipanos – aspectos: contextos; conteúdo geográfico e ensino de Geografia;

Unidade III – Museus e Educação: uso educativo dos museus para o ensino de Geografia – estudo de acervos, exposições; e de lugares associados às práticas museológicas. (SANTOS, 2014).

E, para cada unidade, as leituras e debates, e o desenvolvimento das atividades avaliativas citadas. A escolha de autores e abordagens permitiu/permite dialogar no duplo entendimento da relação entre Geografia e Museu e as possibilidades de sua aplicação teórico-prática nas atividades pedagógicas.

Considerações preliminares sobre o diálogo

Se a Disciplina fosse submetida à aprovação em 2016, provavelmente o argumento da *14ª Semana Nacional de Museus* bastaria para o seu desenvolvimento. O tema do evento contemplou uma das categorias geográficas – a paisagem:

A relação entre museus e paisagens culturais vem nortear as discussões da 14ª Semana Nacional de Museus. Proposto pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) para as comemorações do 18 de maio (Dia Internacional de Museus) de 2016 e para a 24ª Conferência Geral do ICOM (a ser realizada em Milão), esse tema reforça o papel sociocultural das instituições museais. Quando chamados a abrirem suas portas para seus contextos externos, enfatiza-se a necessidade da valorização das culturas e da diversidade paisagística do país, que possui um mosaico de bens culturais. (BRASIL, 2016).

Paisagem é reconhecida como uma das categorias centrais da ciência geográfica (SANTOS, 2009). As discussões sobre a importância das paisagens como integrantes do rol de bens culturais não são recentes, como analisa Soares (2009) sobre as chancelas jurídicas sobre as paisagens brasileiras. Nesta perspectiva, museus, memoriais, parques, praças e tantos outros lugares de memória, integram essas diversas paisagens.

A importância da paisagem na configuração da nação brasileira é analisada por Kodama (2009) quando analisa a inserção da categoria no projeto de formação de uma unidade brasileira: o papel das descrições das paisagens, e das instituições como a instalação do Museu Real no Rio de Janeiro, em 1818 com as descrições e classificações da natureza, e da população em um só local, como também o papel do Real Horto Botânico (1808), e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), que delinearam modelos de conhecimento sobre o que era o Brasil. Discussão similar é analisada por Moraes (1991), sobre a tendência da força intelectual de uma outra categoria analítica - o território, e não a população, na configuração da nação brasileira (MORAES, 1991).

Uma anexação literal de uma paisagem como “instituição”, como referência cultural foi a inclusão no *Guia dos Museus Brasileiros, do Parque Nacional da Serra da Itabaiana* (INSTITUTO, 2011, p. 164). O que pode provocar dúvidas, de: o porquê de uma área ‘natural’ ser inserida como parte das instituições museológicas? Esta discussão pode ser contemplada em Poulot (2013, p. 70), sobre a iniciativa inglesa em 1895, de estabelecer ações para arrecadar fundos para compra de sítios e monumentos históricos temendo o desaparecimento da paisagem inglesa tradicional²².

O que se espera com essas reflexões iniciais é provocar entre os futuros professores de Geografia a pensar que, ao escolherem os museus e outras instituições para levarem seus alunos, os locais a serem visitados precisam ser estudados.

Além de saber se há espaço para estacionamento disponível para ônibus escolares, acessibilidade e outras questões técnicas (não menos importantes), é essencial vislumbrar que as visitas compreendem uma dimensão científica, neste caso, pedagógica e geográfica. Não se trata de aprofundar temas amplos nos anos iniciais de escolarização, como os aqui discutidos, mas de estimular uma consciência crítica sobre suas atividades como transformadoras. Desse modo, as visitas devem partir de planejamento anual de conteúdos, o que pode proporcionar a possibilidade de serem incorporadas como um recurso extremamente esclarecedor e formativo entre alunos, professores, profissionais de museus.

Os primeiros resultados da/na Disciplina têm sido dimensionados, não apenas pelas avaliações mediante a atribuição de conceitos, mas, também, nas avaliações nas quais os discentes têm registrado suas opiniões²³, como as que estão identificadas nos exemplos: a seguir:

A disciplina a princípio foi muito impactante, pois eu não imaginava o quanto estava relacionada com a Geografia. A partir dos textos e dos campos realizados foi possível perceber a importância dos museus, dos objetos, do espaço geográfico [...]

[...] Desmistificando aquela ideia do senso comum que se refere a instituição como algo retrógrado que pouco tem a oferecer para o professor [...]

Evidente que a disciplina comporta obstáculos, além do senso comum. Entre as ‘dificuldades’ assinaladas pelos alunos, seria a de compreender, inicialmente, a

²² Talvez não no mesmo sentido, uma vez requer maior reflexão, mas que se aproxima da ideia nacional do Instituto Brasileiro de Museus de incluir os parques. Também nessa perspectiva, pode incluir-se os debates sobre geomonumento (BRILHA, 2005); ecomuseus (VARINE, 2012).

²³ Extraído a partir de avaliação qualitativa da Disciplina. A identificação dos discentes não é exigida na avaliação, na qual se pede: “importância, ou não da Disciplina para sua formação profissional; sugestões; críticas”.

interdisciplinaridade dos diálogos. No caso da Disciplina em questão, foi/é recorrente o debate interdisciplinar entre Geografia e História, uma vez que os museus, em sua grande maioria, comportam um discurso histórico. Mas, a interdisciplinaridade da Geografia, seja com a História ou com outras ciências, evolui (SANTOS, 2012)²⁴, e as contribuições interdisciplinares, quando válidas, são necessárias.

Os resultados apresentados pelos discentes consolidam essa possibilidade de trânsito disciplinar e as propostas de diálogos: as visitas, a revisão da literatura, e o reconhecimento patrimonial. Tanto na parte textual desses resultados quanto nas socializações, os discentes desvelam uma produção do conhecimento a partir do conteúdo de suas práticas geográficas. Os diálogos propostos foram cumpridos. A fascinação questionada no início deste texto apareceu nas práticas desenvolvidas nas atividades ao longo da Disciplina, principalmente quando os discentes realizaram o reconhecimento de suas referências patrimoniais, musealizadas, ou não, mas igualmente válidas. Ação que fundamenta a formação profissional e suas existências enquanto sujeitos históricos atuantes: “não vejo mais uma panela de barro, como uma panela de barro simplesmente, mas como algo que traz o espaço, o tempo, a sociedade, a cultura, as relações de trabalho...”.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de S.; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Orgs.). **Museus, coleções e patrimônio**: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond; MinC/IPHAN/DEMU, 2007.

BASTOS, Maria Helena C. Ferdinand Buisson no Brasil – pistas, vestígios e sinais de suas ideias pedagógicas. (1870-1900). In: **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas. (8). p. 79-100, set., 2000.

BRASIL. Primavera dos Museus. Disponível em: http://eventos.museus.gov.br/docs/14%20Semana%20Nacional%20de%20Museus%20MUSEUS%20E%20PAISAGENS%20CULTURAI_.pdf. Acesso em 02/05/2016.

BORGES, Maria Eliza L. (Org.). **Inovações, coleções, museus**. Tradução de Soraia Maciel Moulis. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRILHA, José. **Patrimônio Geológico e Geoconservação**: a conservação da natureza na sua vertente geológica. Braga: Palimage Editores, 2005.

²⁴ Ver: o item “As etapas da interdisciplinaridade aplicadas à Geografia” (SANTOS, 2012, p. 134-140).

CALLAI, Helena C. **A formação do profissional da Geografia**. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 1999.

CAPEL, Horacio. **Geografia Contemporânea: ciência e filosofia**. Tradução de Jorge Ulisses Guerra Villalobos et al.]. Maringá: EDUEM, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2001.

CURY, Isabelle (org.). **Cartas Patrimoniais**. 2.ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

DÉDA, Ézio. **Relatório**. Aracaju: Instituto Banese, 2013.

EMBERLING, Geoff. Archaeologists and the military in Iraq, 2003 – 2008: compromise or contribution? In: **Archaeologies**. World Archaeological Congress. v. 4, n. 3, December 2008. p. 445 – 459.

ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico**. Tradução Shirley Morales Gonçalves. São Paulo: Hucitec, 1996.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Educação em museus: um mosaico da produção brasileira em 1958. In: **Mouseion**. Canoas, N. 19, p. 53-66, dez., 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/mouseion>. Acesso em 13/08/2016.

FERRETTI, Federico. Cartografia e educação popular. In: **Terra Brasilis (Nova Série)** [Online], 1, 2012, Disponível em: <http://terrabrasilis.revues.org/164>. Acesso em: 01/02/2014.

FIGUEIREDO, Betânia G.; VIDAL, Diana G. (Orgs.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Brasília, DF: CNPq, 2005.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. 13. ed. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

INSTITUTO Brasileiro de Museus. **Guia de Museus Brasileiros**. Brasília: IBRAM, 2011.

KODAMA, Kaori. **Os índios no império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; São Paulo: EDUSP, 2009.

LEFEBVRE, Henry. **De lo Rural a lo Urbano**. 2. ed. Traducción de Javier González-Pueyo. Barcelona: Ediciones Península, 1973.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

MacGREGOR, Neil. **A História do Mundo em 100 objetos**. Tradução de Berilo Vargas, Ana Beatriz Rodrigues, Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

MORAES, Antonio Carlos R. **O sentido formativo da Geografia**. 2008. Disponível em: www.iea.usp.br/publicacoes/textos/sentidoformativoGeografia.pdf. Acesso em: 16/06/2016.

_____. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. **Geografia: pequena história crítica**. 7.ed. São Paulo: HUCITEC, 1987.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 2.ed. São Paulo Brasiliense, 2012.

PATERSON, Robert K. Os bens culturais indígenas: a repatriação e a lei doméstica. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson (orgs.). **Patrimônio Cultural e Ambiental: questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume; Fapesp, Campinas: Nepam, 2009. p. 15-30.

PEREIRA, Sergio Nunes. De “ciência auxiliar” a saber autônomo: dois momentos da Geografia brasileira no século XIX. In: **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia. v. 24 n. 1-2 p. 11-22, jan./dez. 2004.

PEREIRA, Marcele; KÖPTCKE, Luciana S. *Guia de Fontes Primárias*. **O Museu Nacional: seu público no século XIX e início do XX**. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz; Brasília: Diretoria Regional de Brasília – FIOCRUZ, 2008. Disponível em: http://www.fiocruz.br/omcc/media/4_guia_de_fontes.pdf. Acesso em: 04/07/2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do Século XIX**. Editora Hucitec: São Paulo, 1997.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. O modelo republicano de museu e sua tradição. In: Borges Maria Eliza Linhares (Org.). **Inovações, coleções, museus**. Tradução de Soraia Maciel Mous. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução Jézio Hernani B. Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RODRIGUES, Paulo Simões, SMITH, Laurajane, « Museus, discurso e poder ». In: **MIDAS** [Online], 6 | 2016, posto online no dia 04 Abril 2016, consultado no dia 05 Maio 2016. URL: <http://midas.revues.org/1040>

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. **Plano de Curso – Tópicos Especiais em Geografia I**. Itabaiana/SE: Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho. 2014. 2 p. Digitado.

_____. **A “Revista Agrícola, Órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura” e a estratégia da produção e organização do campo em Sergipe, 1905-1908: "por em commum as 'luzes' e experiências"**. 2012. 417fl. Tese (Doutorado em Geografia, Geografia Agrária). Universidade Federal de Sergipe. Núcleo De Pós-Graduação Em Geografia. São Cristóvão. 2012.

SANTOS, Fabrícia de Oliveira; CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. “Certamen agrícola, industrial e de manufacturas”: o aparecimento do Novo Século e a participação de Sergipe nas exposições nacionais. In: LOPES, Maria Margaret; HEIZER, Alda (Orgs.). **Colecionismo, prática de campo e representações**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 239-255.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. 6.ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

_____. **Pensando o espaço do homem.** 5.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria da Educação. **Nestas férias, tenha uma aula de Geografia e história no Museu da Arte Moderna.** Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/nestas-ferias-tenha-uma-aula-de-Geografia-e-historia-no-museu-da-arte-moderna>. Acesso em: 03/05/2016.

SOARES, Inês Virgínia Prado. **Direito ao (do) patrimônio cultural brasileiro.** Belo Horizonte: Fórum, 2009.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico.** Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro:** o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução de Maria Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Recebido em 10 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 14 de dezembro de 2016.